

Setembro/2021 - Parcitas Hedge FIC FIM

30/09/2021

COMENTÁRIO DO GESTOR PARCITAS HEDGE

Setembro foi um mês difícil para os mercados internacionais e doméstico. No *front* externo, tivemos vários eventos que impactaram negativamente os ativos. Alguns julgamos ser de natureza mais efêmera, como por exemplo os problemas com a incorporadora chinesa Evergrande e as preocupações com o *debt ceiling* (limite para endividamento) nos E.U.A. Porém outros requerem um pouco mais de cautela e podem ter efeitos mais duradouros, tais como a mudança de comunicação e postura de alguns bancos centrais de países desenvolvidos em direção à retirada dos estímulos monetários, o recrudescimento dos problemas nas cadeias produtivas globais e, mais recentemente, o encarecimento das *commodities* de energia. Os dois últimos adicionam ainda mais preocupação ao tema da inflação ao redor do mundo, que tem se demonstrado menos transitória do que inicialmente imaginado. Em função disso, **aumentamos a posição tomada em juros nos E.U.A. e mantivemos uma exposição comprada em bolsa abaixo da média histórica do fundo.** Apesar das preocupações acima descritas, seguimos otimistas com a atividade econômica americana e com a capacidade das boas e grandes empresas continuarem gerando bons resultados nos próximos trimestres. Além disso, apesar de já ter sinalizado o início da redução da expansão do seu balanço, acreditamos que o Fed o fará de forma cautelosa, buscando minimizar os impactos nos mercados.

No Brasil, depois de um começo de mês muito turbulento, a crise institucional arrefeceu e os mercados voltaram-se para os outros desafios do país: inflação em alta e crescimento em baixa. Essa combinação mantém acesa a preocupação com a situação fiscal já que governos e governantes costumam ter dificuldades de lidar com esse tipo de situação econômica, em particular, em anos pré-

eleitorais, quando a tentação por medidas populistas aumenta. De certa forma, já estamos vendo isso com o escrutínio sobre a política de preços da Petrobras, a tentativa de se criar um vale-gás e a dificuldade em se resolver a questão dos precatórios e do novo Bolsa Família. Sendo assim, **seguimos cautelosos com a alocação de risco em Brasil.** Possuímos apenas uma **posição de valor relativo (comprada na moeda brasileira e vendida no índice Bovespa) por acreditarmos que a moeda deveria performar melhor do que a bolsa num cenário de crescimento sendo revisado para baixo e juros subindo.** Possuímos também **uma posição tomada em juros. Apesar de o BC ter comunicado que não pretende acelerar o passo do aperto monetário, acreditamos que a taxa Selic terá que ser elevada para um patamar significativamente contracionista, se a autoridade monetária quiser entregar a inflação de 2022 na meta.** O IPCA, que já vinha bastante pressionado, deve sofrer nova pressão com o encarecimento das *commodities* energéticas não sendo acompanhado por uma apreciação do real.

